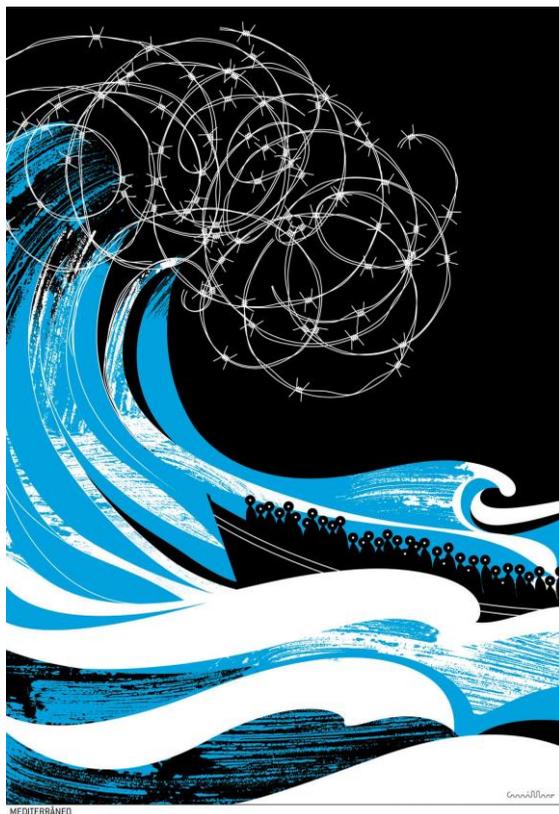


Páscoa

2016



Mediterrâneo. Cartoon de André Carrilho

a Morte do Senhor

Serra do Pilar, 25 de março

Oração para a ceia

Leitura da Primeira Carta de Paulo aos Coríntios (1 Cor 15,3-5).

O que eu vos transmiti em primeira mão e que eu próprio recebi [doutros] foi que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, também segundo as Escrituras, e que apareceu a Cefas e, logo depois, aos Doze.

És o Ungido de Deus, Senhor Jesus Cristo!

Oremos (...)

Deus, nosso Pai,
Tu que, para nos apontares o Projeto,
nos enviaste o teu Filho,
que acabou entregue nas mãos do pecado,
abençoa esta refeição,
que comemos na memória da Morte de Jesus, nosso Senhor!
Em nome do Pai e do Filho
e do Espírito Santo!

Ámen!

*Um grande e rigoroso silêncio.
Os irmãos manter-se-ão de joelhos ou de pé,
prostrados ou inclinados, sentados mesmo.
Após o silêncio,*

**Adoramus Te, Christe, et benedicimus tibi,
Adoramos-te, Cristo, e bendizemos-te
Quia per sanctam Crucem tuam
Pois que pela santa Cruz
Redemisti mundum.
Redimiste o Mundo**

OREMOS (...)

Dá, Senhor, aos discípulos desta hora
olhos e coração para penetrar
o mistério de Cristo, o homem das dores,
e, nele, todas as alegrias e esperanças,
tristezas e angústias
do homem e do Mundo!

Ámen!

Leitura do Livro de Isaías (52,13 - 53,12)

Vede como vai prosperar o meu servo: subirá, elevar-se-á, será exaltado.

Assim como, à sua vista, muitos se encheram de espanto - tão desfigurado estava o seu rosto que tinha perdido toda a aparência de um ser humano! -, assim se hão de encher de assombro muitas nações e, diante dele, os reis ficarão calados, porque hão de ver o que nunca lhes tinham contado e ouvir coisas inauditas. Quem acreditará no que nós ouvimos dizer? A quem se revelou o braço *[castigador]* de lavé? O meu servo cresceu diante do Senhor como um rebento, como raiz numa terra árida, sem distinção nem beleza para atrair o nosso olhar, nem aspeto agradável para nos cativar. Desprezado e repellido pelos homens, homem de dores, acostumado ao sofrimento, era como aquele de quem se desvia o rosto, pessoa desprezível e sem valor para nós. Ele suportou as nossas enfermidades e tomou sobre si as nossas dores. Pensávamo-lo um homem castigado, ferido por Deus e humilhado. Ele foi trespassado, mas por causa das nossas culpas, e esmagado por causa das nossas iniquidades. Caiu sobre ele o castigo que nos salva: pelas suas chagas, fomos curados. Todos nós, como ovelhas, andávamos errantes, cada qual seguia o seu caminho. E o Senhor fez cair sobre ele as faltas de todos nós. Maltratado, humilhou-se voluntariamente e não abriu a boca. Como cordeiro levado ao matadouro, como ovelha muda ante aqueles que a

tosquiam, ele não abriu a boca. Foi eliminado por sentença iníqua, mas quem se preocupa com a sua sorte? Foi arrancado da terra dos vivos e ferido de morte pelos pecados do meu povo. Foi-lhe dada sepultura entre os ímpios e um túmulo no meio de malfeitores, embora não tivesse cometido injustiça alguma nem se tivesse encontrado mentira na sua boca. Aproveu ao Senhor esmagá-lo pelo sofrimento. Mas, oferecendo a sua vida como sacrifício de expiação, terá uma descendência duradoira, viverá longos dias, e a obra do Senhor prosperará em suas mãos. Terminados os sofrimentos, verá a luz e ficará saciado na sua sabedoria. O justo, meu servo, justificará a muitos e tomará sobre si as suas iniquidades. Por isso, eu o colocarei entre os grandes, e com os poderosos repartirá despojos, pois que, indefeso, se entregou à morte. Foi contado entre os rebeldes quando carregou os pecados de muitos; e intercedeu por eles.

Salmo 21

Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste? Porque me abandonaste?

Todos os que me vêm escarnecem de mim,
distendem os lábios e meneiam a cabeça.
Confiou no Senhor, Ele que o liberte
se lhe quer bem que o salve.

Repartiram entre si as minhas vestes
e deitaram sortes sobre a minha túnica.
Mas Vós, Senhor, não Vos afasteis de mim,
sois a minha força, apressai-vos a socorrer-me.

Christus factus est pro nobis
(Cristo fez-se por nós
obediens usque ad mortem,
obediente até à morte,
mortem autem crucis!
e morte de cruz!

Leitura do Evangelho de João (19,13-30.38-42)

Era a Preparação da Páscoa, por volta do meio-dia. Pilatos, sentado no Tribunal, disse aos judeus: *Eis o vosso Rei!* Mas eles gritaram: *À morte, à morte! Crucifica-o!* Disse-lhes Pilatos: *Hei de crucificar o vosso Rei?* Replicaram-lhe os príncipes dos sacerdotes: *Não temos outro rei senão César.* Entregou-lhes então Jesus para ser crucificado. E tomaram conta dele.

Levando a cruz, Jesus saiu para o Lugar do *Calvário*, que em hebraico se diz *Gólgota*. Ali o crucificaram, e com ele mais dois: um de cada lado e Jesus no meio. Pilatos escreveu ainda um letreiro, que mandou colocar no alto da cruz; nele estava escrito: *Jesus de Nazaré, Rei dos judeus*. Muitos judeus o leram, porque o lugar onde Jesus tinha sido crucificado era perto da cidade. Estava escrito em hebraico, grego e latim. Disseram então a Pilatos os sumos-sacerdotes judeus: *Não escrevas “Rei dos judeus”, mas que Ele afirmou “Eu sou o Rei dos judeus”*. Pilatos retorquiu: *O que escrevi está escrito*.

Quando crucificaram Jesus, os soldados pegaram nas suas vestes, com que fizeram quatro lotes, um para cada soldado; e ficaram também com a túnica. A túnica não tinha costura: era tecida de alto a baixo como um todo. Disseram uns aos outros: *Não a vamos rasgar; vamos antes lançar sortes para ver a quem calha*. Assim se cumpria a Escritura: *Repartiram entre si as minhas vestes e deitaram sortes sobre a minha túnica*. Foi o que fizeram os soldados.

Estavam junto à cruz de Jesus sua Mãe, a irmã de sua Mãe, Maria - mulher de Cléofas - e Maria Madalena. Ao ver sua Mãe e o discípulo que ele amava, Jesus disse a sua Mãe: *Mulher, eis o teu filho*. Depois, disse ao discípulo: *Eis a tua mãe*. E, a partir daquele momento, o discípulo recebeu-a em sua casa.

Depois, sabendo que tudo estava consumado e para que se cumprisse a Escritura, Jesus disse: *Tenho sede*. Estava ali um vaso cheio de vinagre. Prenderam a uma vara uma esponja embebida em vinagre e levaram-lha à boca. Quando Jesus tomou o vinagre, exclamou: *Tudo está consumado*. E, inclinando a cabeça, expirou.

Depois disto, José de Arimateia, que era discípulo de Jesus, embora oculto por medo dos judeus, pediu licença a Pilatos para levar o corpo de Jesus. Pilatos permitiu-lho. José veio então tirar o cadáver, acompanhado por Nicodemos, aquele que, [tempo] antes, tinha ido de noite ao encontro de Jesus. Trazia uma mistura de quase cem libras de mirra e aloés. Tomaram o corpo de Jesus e envolveram-no em ligaduras, juntamente com os perfumes, como é costume sepultar entre os judeus. No local em que ele tinha sido crucificado, havia um jardim e, no jardim, um sepulcro novo, no qual ainda ninguém fora sepultado. Foi aí que, por ser o dia da Preparação [da Páscoa] dos judeus, porque o sepulcro ficava perto, depositaram Jesus.

Christus factus est pro nobis

Cristo fez-se por nós

obediens usque ad mortem,

obediente até à morte,

mortem autem crucis!

e morte de cruz!

Contemplação da Paixão

Eu te bendigo, ó Pai, porque escondeste estas coisas aos sábios e inteligentes e as revelaste aos pequeninos! (Mt 11,25). Porque é que a fé não é uma questão de inteligência?, perguntam muitos e temem tantos. Porque é que a fé não é uma simples questão de Lei ou de vontade? Como é difícil aos ricos, aos sábios e aos inteligentes! Um coração cheio já tem que chegar. *Eu te bendigo, ó Pai!*

Nós não saberemos, jamais entenderemos a dor que te causamos!

Mas os pobres sobre as águas do Mediterrâneo, esse enorme cemitério, foste tu que não os ouviste gritar — “*Se és tu, Senhor, manda-me ir ter contigo sobre as águas!*” (Mt 14,28) —, ou somos nós que perdemos a capacidade de chorar diante desse abismo infernal da indiferença?

Porque não lhes deste nem uma palavra? Será que não foste enviado às ovelhas perdidas da Casa de Israel (Mt 15,23-24)?

Nós não saberemos, jamais entenderemos a dor que te causamos!

Aquele que eu beijar, é ele: predelei-o! (Mt 26,48). “Com uma prova de amor, fazes uma ferida! Com uma expressão do mesmo amor, derramas sangue! Com um gesto de paz, geras a morte!” (Sto Ambrósio). *Com um beijo, entregas o Filho do Homem, Judas!* (Lc 22,48). E um dos que come contigo e do mesmo prato, te entregará (Mt 26,23)!

Nós não saberemos, jamais entenderemos a dor que te causamos!

Mete a espada na bainha, pois que quantos se servirem dela por ela morrerão trespassados! (Mt 26,52). A força da espada ou a paz da justiça? Diante dos milhões de vítimas de todos os conflitos e focos de guerra do nosso mundo, recordados das palavras que disseste: *Dou-vos a Paz, deixo-vos a minha paz...*, continuamos a pedir-te: *Dá, Senhor, a paz aos nossos dias!*

Nós não saberemos, jamais entenderemos a dor que te causamos!

A criada olhou-o e disse: *Tu também és discípulo dele!* Mas ele disse: *Não o conheço!* (Lc 22,56-57). Mentira! Que amigos eles eram! Tinham-se encontrado havia muito tempo já, uma tarde, numa qualquer praia do mar da Galileia. Ele era um homem impulsivo, é verdade, mas débil. E um tinha ensinado ao outro aquelas artes do mar e da pesca. Depois, veio a profissão de fé em Cesareia: *Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo!* (Lc 4,41). E mesmo assim...

Nós não saberemos, jamais entenderemos a dor que te causamos!

Pilatos fez-lhe muitas perguntas, mas ele nada respondeu! (Lc 23,9). Diante de tantas certezas — quem és tu?, que disseste? que fizeste? —,

tu, o Verbo enviado pelo Pai, *poderoso em palavras e em obras* (Lc 24,19), calaste-te, enquanto a multidão gritava: *Crucifica-o! À morte!*

Também nós te damos graças, ó Pai, pelos grandes silêncios da Natureza e da Música, da Poesia e da Arte, da austeridade monástica e da penumbra do românico, da luminosidade do gótico e mesmo da sensualidade do barroco e da pobreza do romântico. É pelo silêncio de todos os homens que, podendo responder, não o fazem, que o silêncio é de ouro!

Nós não saberemos, jamais entenderemos a dor que te causamos!

Muitos acreditaram nele por causa da sua palavra! (Jo 4,41). Porque a tua Palavra se fez carne e habitou entre nós é que nós estamos diante da sua morte: a força criativa e vulcânica da tua Palavra — e Tu viste que *era tudo muito bom!* (Gn 1,31) —, Palavra que gera ódios e amores.

Abre-nos, ó Pai, às profundezas e aos mistérios da Verdade. Porque nós continuamos a perguntar como Pilatos: *Que é a Verdade?* (Jo 18,38).

Nós não saberemos, jamais entenderemos a dor que te causamos!

Os sumos-sacerdotes e os anciãos convenceram a multidão a pedir Barrabás e a exigir a morte de Jesus (Mt 27,20). Perante tanta mentira e tanto suborno que fazem de nós o que não somos, por medo, por incoerência, por não quisermos perder e desejarmos sempre ganhar e subir, todos continuamos a gritar: *Esse Jesus, mata-o, antes queremos Barrabás!*

Nós não saberemos, jamais entenderemos a dor que te causamos!

Não vejo nele crime algum! (Jo 18,38). Mesmo assim, como diz o Apóstolo, ele *rebaixou-se até à morte, e morte de cruz* (Fp 2,8), a mais ignominiosa, a mais violenta e cruenta de todas as mortes. Não havia nele crime algum. Então porque foste condenado à mais brutal e atroz de todas as mortes? Depois de ti, quantos não perguntaram já: Onde está Deus?, porque é que ele não aparece?, porque não ouvimos a sua voz? Mas ele, para espanto de todos, orou assim: *Perdoa-lhes, ó Pai, que não sabem o que fazem!*

Nós não saberemos, jamais entenderemos a dor que te causamos!

Pilatos mandou vir água, lavou as mãos e disse: Estou inocente! (Mt 27,24). Claro que não estamos convencidos que Pilatos estivesse inocente. Mas não esquecemos, Senhor, os que, de facto, estão inocentes: todos os que não deixam ir os pobres de mãos vazias mas se esforçam por tirá-los da sua miséria; todos os que condenam as mãos cheias que se enchem sempre de mais bens e que todos os dias se banqueteam diante de Lázaro; todos os que se aproximam dos caídos nos caminhos da vida e os conduzem às albergarias nas suas próprias montadas. E ainda pagam o azeite! *O que fizerdes a um dos mais pequeninos...*

Nós não saberemos, jamais entenderemos a dor que te causamos!

Um dos guardas deu-lhe uma bofetada e Jesus replicou: “Se disse mal, mostra-me o quê! Mas se disse bem, porque me bates”? (Jo 18,22-23). No meio e no seio das economias do Horror Económico que vivemos e cujas vaidades e maldades é preciso continuar a desmascarar, urge testemunhar o poder da Economia da Graça! *Não acumuleis tesouros na terra, que a traça e a ferrugem corroem-nos e os ladrões rebentam muros [e cofres]: acumulai antes tesouros no céu. Porque, onde estiver o vosso tesouro, aí estará o vosso coração!* (Mt 6,19.21).

Nós não saberemos, jamais entenderemos a dor que te causamos!

Deitaram mão a Simão de Cirene e carregaram-no com a cruz de Jesus! (Lc 23,26). Ele não foi capaz de a levar sozinho!

Em tudo igual a nós: até para levar a cruz precisaste da Humanidade!

Nós não saberemos, jamais entenderemos a dor que te causamos!

Junto à cruz de Jesus, estavam *sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Cléofas, e Maria Madalena* (Jo 19,25). Mas na ressurreição estava só *Maria Madalena* (20,1)! Sempre os olhares enternecidos, do berço à cruz. *Que mulher és tu?*, cada uma de vós, ou *que mulher que tu és!*, cada uma de vós também. Porquê vos não reconhecem nem a capacidade nem, num mundo de masculinos, a beleza?

Nós não saberemos, jamais entenderemos a dor que te causamos!

Afasta de mim este cálice (Mc 14,36) é oração do Filho de Deus ou do Filho do Homem? Confiança ou desespero? Que fez Jesus passar do *Afasta-me este cálice daqui* ao *Nas tuas mãos entrego o meu espírito* (Lc 23,46)? *Foi por isso, meu Deus, que o elevaste acima de todas as coisas, concedendo-lhe um nome que está acima de todo o nome* (Fl 2,9)?

Nós não saberemos, jamais entenderemos a dor que te causamos!

Ao vê-lo expirar, o centurião disse: *Verdadeiramente este homem era Filho de Deus!* (Mc 15,39). E foi um pagão, um soldado romano, a constatá-lo! *Calados os filhos de Abraão, gritaram as pedras!* (Mt 3,9). Atravessando as noites da escuridão, são os pobres dos mais pobres que mais depressa dobram os joelhos diante do teu mistério e arrancam dos lábios secos os sons incipientes de uma oração sincera!

Nós não saberemos, jamais entenderemos a dor que te causamos!

Porque o abandonaste (Mt 27,46), *inclinando a cabeça, ele entregou o espírito!* (Jo 19,30). Antes disso, porém, *transmitiu-nos que morria por [força d]os nossos pecados e que, depois de sepultado, haveria de ressuscitar ao terceiro dia, como dizem as Escrituras* (1 Cor 15,3-5).

Nós não saberemos, jamais entenderemos a dor que te causamos!

A veneração da Cruz

Eis a cruz de madeira
onde esteve suspenso
o Salvador do Mundo!

Vinde, adoremos!

*Toda a Assembleia se aproxima processionalmente;
chegando à sua frente, reverencia a Cruz,
ou genufletindo ou ajoelhando com respeito.
Tudo deve processar-se com muita calma e silêncio,
porque, entretanto, o Coro vai cantando:*

Cruz,
Rosa dos ventos sem direção que não seja o centro.
Coluna sustentada pelos braços
como um amigo que chega.
Rosa de orvalho e sangue
para o corpo trespassado de sede.
Árvore que bebe do Homem.
Árvore em silêncio
onde escutamos a Palavra em carne viva.
Verbo tão inteiro que se fez espelho.

(Daniel Faria)

A contemplação da Cruz

Sangue de Cristo que lhe afoga a fronte.
Sangue de Cristo, chuva de perdão.
Sangue de Cristo que nos vem da fonte
do Seu dilacerado coração.
Sangue de Cristo, Sangue dos Seus olhos
misturado com lágrimas divinas:
faz abrir açucenas entre abrolhos,
doira de sol as pedras das colinas.
Sangue de Cristo, sangue dos Seus pés,
sangue, seiva do Céu sempre a jorrar.
Sangue que lava a terra lés a lés,
como jamais a lavaria o mar.
Sangue de Cristo
que tingiu a lança da tarde da Paixão
e que ainda escorre...
Seja em cada agonia a grande esperança
e mate a sede a que de sede morre.

Também o homem tem o seu calvário.
Senhor, dá força à vida amarga e langue.
E ponha o mundo o olhar no teu sudário.
E que as almas te adorem no Teu Sangue!
Sangue de Cristo, Sangue de Cristo.

Serviço da Comunhão

Sombrios profetas do exílio abandonai vosso vestido de cinza
Pois o Filho do Homem na véspera da sua morte
Se sentou à mesa entre homens
E abençoou o pão e o vinho e os repartiu
E aquele que pôs com ele a mão no prato o traiu
E uma noite inteira no horto agonizou sozinho
pois os seus amigos tinham adormecido
E no tribunal esteve só como todos os acusados da terra

Como o trigo do pão que nos dá alimento,
que outrora esteve semeado pelas colinas
e foi recolhido para tornar-se apenas um,
assim seja reunida a tua Igreja
num único reino, desde os confins do Mundo!

Glória a Ti, para sempre!

De toda a Terra reúne a Igreja santificada,
no Reino que tu lhe preparaste!

Glória a Ti, para sempre!

Ámen! Que venha o Senhor!

Ámen!

Vem, Senhor Jesus Cristo!

Ámen!

Aquele que pôs a Mesa e sobre ela colocou o Pão
pôs também no nosso coração e na nossa boca
palavras que nunca poderíamos ter imaginado!
É uma oração para ser dita à Mesa,
para ser pronunciada em Comunidade,
pois que abate todos os muros
que se levantam entre os homens!
Digamos a oração do **Pai Nosso**,
que o próprio Jesus nos ensinou...

(ao apresentar o pão eucarístico):

A comunhão é para quem está em comunhão,
porque este é o Cordeiro de Deus,
Aquele que tira o pecado do Mundo!

Comunhão

O Filho do Homem não veio para ser servido
Mas para dar a Sua vida em resgate de muitos,
em resgate de muitos!

O meu alimento é fazer a vontade de meu Pai!

Esperei no Senhor com toda a confiança
E Ele atendeu-me.
Pôs em meus lábios um cântico novo,
Um hino de louvor ao nosso Deus.

A terminar, o presbítero diz:

Dá, Senhor, nosso Deus e Pai nosso,
aos olhos que pomos sobre a Cruz
alcance e penetração
para percebermos o mistério de Jesus,
que deu a Vida pela nossa Liberdade,
o teu Verbo crucificado.
Ele abalou o mundo
e ampliou os gritos da Multidão
e os apelos do teu Povo oprimido,
tal como as pedras, banhadas pelo sangue derramado,
se transformaram em gritos de dor,
a partir de Abel, o último dos justos.
Diante de tanta dor, só ele, o teu Cristo,
sabe e pode responder,
que nós nem sabemos que dizer,
nem sabemos que fazer!

Ámen!

Terminada a celebração

In monte Oliveti oravit ad Patrem:

No monte das Oliveiras, orou assim:

Pater si fieri potest transeat a me calix iste
Pai, se é possível afasta de mim este cálice!
Spiritus quidem promptus est caro autem infirma.
O Espírito é forte mas a carne é fraca!

Vigilate et orate, ut non intretis in tentationem.
Vigiai e orai para que não entreis em tentação!

JOD. Manum suam misit hostis ad omnia desiderabilia ejus:
O Adversário lançou mão a todos os seus tesouros
quia vidit gentes ingressas sanctuarium suum,
ela viu os pagãos a entrar no seu santuário
de quibus praeceperas ne intrarent in ecclesiam tuam
aqueles a quem havias dito que não entrassem em sua casa

CAPH. Omnis populus ejus gemens, et quaerens panem:
Geme todo o seu povo à procura de pão
Dederunt pretiosa quaeque pro cibo ad refocillandam animam,
Troca as suas joias por víveres a fim de conservar a vida
Vide, Domine, et considera, quoniam facta sum vilis.
Vê, Senhor, e considera o lixo em que me transformei

LAMED. O vos omnes qui transitis per viam attendite et videte
Ó vós que passais pelo caminho, olhai e vede
si est dolor sicut dolor meus: quoniam vindemiavit me,
se há dor igual à que me atormenta!
ut locutus est Dominus in die irae furoris sui.
pois que o Senhor me feriu no dia da sua cólera!

MEM. De excelso misit ignem in ossibus meis, et erudit me:
Do alto, lançou um fogo que penetrou os meus ossos
expandit rete pedibus meis, convertit me retrorsum:
Estendeu uma rede aos meus pés, o que me fez cair de costas
posuit me desolatam, tota die moerore confectam.
lançou-me na desolação, numa aflição contínua

NUN. Vigilavit jugum iniquitatum mearum:
É pesado o jugo dos meus crimes
in manu ejus convolutae sunt, et impositae collo meo:
Com a sua mão os enfeixou e pôs às minhas costas,
infirmata est virtus mea: dedit me Dominum in manu,
abatendo as minhas forças: o Senhor pôs-me nas mãos deles
de qua non potero surgere.
das quais agora não me liberto!

Jerusalem, Jerusalem, convertere ad Dominum Deum tuum.
Jerusalém! Converte-te, Jerusalém, ao teu Senhor

**O final desta celebração deverá ser,
como toda ela, afinal, recolhido e silencioso.**